Médicos Judeus no Rio Grande do Sul

Lorena Almeida Gill
Professora Doutora em História da UFPel, lorenaalmeidagill@gmail.com

Micaele Irene Scheer
Doutoranda em História pela UFRGS, scheermica@gmail.com

Introdução

No final da década de 1990, foi desenvolvido, junto ao Núcleo de Documentação Histórica (NDH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), trabalho que versou sobre os Judeus da Prestação em Pelotas (RS)[1], entre os anos de 1920 e 1945. A intenção primeira era a de analisar toda a documentação existente na Sociedade Israelita da cidade, para compor um quadro mais geral vinculado àquela imigração, especialmente sobre cerca de 120 famílias que haviam se instalado em Pelotas, mas a inexistência[2] de qualquer acervo documental fez com que os caminhos metodológicos fossem construídos a partir da coleta e observação de notícias de jornais e do uso da História Oral temática, ao serem construídas várias narrativas com judeus, especialmente da segunda geração.

Já a partir do ano de 2000, um dos temas abordados, dentre as pesquisas realizadas pelo NDH, foi a história da saúde e da doença com foco na trajetória de tuberculosos também na cidade de Pelotas, entre os anos de 1890 e 1930[3]. Neste caso, a metodologia fundamental, até mesmo pela distância temporal, foi a análise documental em relatórios da Intendência; dos Negócios do Interior e do Exterior, além da observação de oitenta anos de jornais diários, ou seja, foram observados 40 anos do jornal *Diário Popular* (DP), órgão oficial do Partido

[1] O trabalho deu origem ao livro "Clienteltchiks": Os Judeus da Prestação em Pelotas (RS) 1920-1945. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universitária, 2001, de autoria de Lorena Almeida Gill.
[2] A inexistência de fontes escritas, nesse caso, é altamente reveladora, faz com que se possa pensar nas ideias de vazio, de lapso, de silêncio e esquecimento. Tanto pode ser compreendida como uma reorganização das práticas e tradições, como uma obliteração forçada, em razão as perseguições e discriminações sofridas pelos judeus ao longo da História.
[3] Ver O mal do século: Tuberculose, Tuberculosos e Políticas de Saúde em Pelotas (RS), 1890-1930, Pelotas: EDUCAT, 2007, de autoria de Lorena Almeida Gill.

Republicano Riograndense e 40 outros anos de jornais que conjunturalmente se colocavam em oposição ao DP.

Desse modo, passado muitos anos da feitura desses dois estudos é como se os caminhos se juntassem novamente: judaísmo e saúde e doença, através da observação da atuação de médicos judeus no Rio Grande do Sul (RS).

Ao se receber o convite do Museu da História da Medicina restou uma dúvida em como abordar tema tão abrangente, até mesmo porque as pesquisas anteriores sempre tiveram como foco uma cidade do interior e não o Estado como um todo, embora, é claro, o Estado seja uma espécie de balizador para se avaliar políticas de saúde.

O material que agora chega às mãos dos leitores não deixa de ser, portanto, oriundo de uma visão a partir de uma cidade, mas se procurou conhecer outras realidades. Para isso foram fundamentais as entrevistas existentes no acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (ICJMC), o qual reúne documentação importante e pioneira em termos de História Oral. O departamento de História Oral do ICJMC começou a realizar as entrevistas em 1986, com o projeto Preservação da Memória Judaica, e tinha como objetivo preservar "a memória da coletividade judaica no Rio Grande do Sul (RS); o registro da sua presença na história deste estado", valorizando sua contribuição na pluralidade étnica, cultural, e religiosa que caracteriza a nação brasileira [4]. Este projeto perdurou até o ano de 1992, compilando cerca de 400 entrevistas classificadas como História Oral de Vida[5].

É preciso se dizer que, neste texto, se está trabalhando fundamentalmente com memórias, através da metodologia da História Oral. Portelli (1997, p. 15) tem uma definição exemplar sobre esta metodologia, ao assim colocar: "A história oral é a ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e antropologia – a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, visa aprofundá-los em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma". O foco é o que Alberti (2004, p. 25) chama de história das experiências. Segundo a autora: "Entrevistas de história oral podem ser usadas

[4] Além deste projeto, o ICJMC, no ano de 1992, deu início a uma pesquisa sobre Instituições/ associações/ lideranças da comunidade/ identidade judaica no RS. Nesta oportunidade foram feitas diversas entrevistas temáticas. Ver http://www.chagall.org.br. Acesso em 24 de julho de 2015.

[5] A História Oral, para FREITAS (2006), pode ser dividida em três gêneros distintos: tradição oral, história de vida e história temática. A história de vida pode abranger a totalidade da existência do informante e, normalmente, essas narrativas são construídas no decorrer de encontros, constituindo longos relatos. A história temática versa sobre um tema norteador, estabelecendo um roteiro e um objetivo à narrativa. A tradição oral se relaciona mais fortemente com a Antropologia.

no estudo da forma como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas".

Embora as entrevistas tenham sido feitas na perspectiva de construir uma trajetória de vida destas pessoas, o olhar das autoras se dará, especialmente, no que interessa à profissão de médico.

É importante ressaltar que haveria vários outros nomes de médicos que poderiam ser citados e cuja experiência muito contribuiria para a história dessa etnia no Estado. Tendo em vista, no entanto, a exiguidade de tempo para a composição do material, se optou por abordar narrativas já existentes, tanto no ICJMC, quanto no Laboratório de História Oral do NDH/UFPel[6].

Os judeus no RS no século XX

A imigração judaica para o Rio Grande do Sul, como um movimento de coletividade, começou no ano de 1904, embora ainda em fins do século XIX e anos iniciais do século XX, sejam encontrados, em jornais[7], referências a judeus residentes no Estado.

O ano de 1904 será o momento em que decisões individuais cedem lugar à intenção de famílias estabelecerem-se no país e isso será feito através do núcleo agrícola de *Philippson*, município de Santa Maria. São instaladas na região 27 famílias, totalizando 267 pessoas, em uma área de 4.472 hectares, que depois foram ampliados para 5.500 hectares. Estas pessoas eram provenientes da Bessarábia, atual território da Moldávia. Cada família recebeu um lote de 25 hectares de terra, de campo e mato, além de uma casa, instrumentos de trabalho, duas

[6] Havia também, no Laboratório de História Oral do NDH entrevista com o médico Simon Halpern, o qual nasceu em janeiro de 1936, no Uruguai, na cidade de Melo, vindo para o Brasil com 8 meses de idade. Seu pai iniciou como vendedor ambulante de tecidos; sua mãe cuidava da casa. Ambos eram poloneses. Simon, que atuou a maior parte de sua vida como pediatra, se formou na UFRGS, permanecendo em Porto Alegre pelo período de seu curso de graduação. Praticou depois no Hospital Santo Antônio sendo orientado por dois médicos mais antigos na profissão. O médico também teve uma carreira acadêmica, sendo professor na Universidade Federal de Pelotas. Ele se aposentou no ano de 1989 na UFPel e faz uma espécie de retrospecto de sua carreira, ao assim dizer, sobre o período em que esteve à frente de uma estrutura de saúde da cidade: "[...] Estou orgulhoso do que fiz, sem falsa modéstia, mas é verdade. Eu cheguei ao centro de saúde, com a incidência de vacinação na cidade de 66%, eu terminei meu trabalho no centro de saúde para assumir a delegacia, com 92%. Eu me dediquei". Simon revela poucos episódios em que presenciou atos de antissemitismo em sua trajetória de vida. Diz se sentir reconhecido pela comunidade pelotense, na qual escolheu viver e dedicar seu trabalho.

[7] O jornal *A Opinião Pública* faz referência ao nome de Albino Isaacson, como tesoureiro da 1ª Diretoria da Tipografia Guttenberg, em sua edição do dia 25 de setembro de 1899. Já Osvaldo Peckman aparece compondo o Club Sport Internacional, em notícia veiculada no mesmo jornal, no dia 2 de janeiro de 1907, embora se saiba que os primeiros judeus, que farão parte de uma comunidade maior e mais organizadas, só comecem a chegar no RS, na primeira década do século XX.

juntas de bois, duas vacas, um cavalo e suprimento em dinheiro, até o momento em que pudessem sobreviver exclusivamente com os rendimentos de seu trabalho (BACK, 1958, p. 273). Todos gastos, no entanto, teriam que ser ressarcidos à Companhia, em um prazo de 10 a 20 anos.

A colônia de *Philippson*[8] e, cinco anos mais tarde, a Colônia de Quatro Irmãos[9], faziam parte de uma iniciativa da *Jewish Colonization Association* (JCA), ou ICA (*Yidishe Kolonizatsye Gezelshaft*, em iídiche), entidade de amparo aos emigrantes judeus, fundada por Maurice de Hirsh, mais conhecido como Barão de Hirsh, em 1891, que tinha como objetivo desenvolver projeto de colonização judaica para os Estados Unidos, Canadá, Argentina, Palestina e Brasil. Não foi a única entidade de assistência surgida no momento em que os judeus, sobretudo os do Leste Europeu, sofriam todo o tipo de preconceito e discriminação, mas foi, com relação à imigração judaica para o Rio Grande do Sul, a mais importante[10].

O interesse em colonizar o Brasil, especialmente o Rio Grande do Sul, estava vinculado à proximidade de terras argentinas, nas quais já havia experiências agrícolas vinculadas aos judeus; a tolerância religiosa, relacionada à influência positivista do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR)[11] e também ao desejo demonstrado pelos governantes em receber novos imigrantes (LESSER, 1989).

No que diz respeito a Quatro Irmãos, construída no município de Passo Fundo, esta possuía área superior a 93 mil hectares de terra, sendo muito rica em madeira. O local abrigou, em uma primeira fase, colonos vindos da Argentina, tendo em vista que, segundo

[8] O nome é uma homenagem ao vice-presidente da *Jewish Colonization Association* (JCA), Franz Philippson, que também era presidente da *Compagnie Auxiliare de Chemins du Fer au Brésil*, empresa esta que administrava toda a rede ferroviária do Rio Grande do Sul.

[9] Isabel Gritti (1997, p. 15) faz a seguinte referência ao local: "Como o próprio nome diz, as terras pertenciam a quatro irmãos: o coronel David dos Santos, mais tarde Barão dos Campos Gerais, o Dr. José Gaspar dos Santos Lima, juiz de Direito da comarca de São Borja e que residiu em Cruz Alta até 1854, Antônio dos Santos Pacheco e Clementino dos Santos Pacheco. Este último residia na fazenda e fora assassinado pelos índios, em 1856. O assassinato teria sido cometido em consequência da insatisfação dos índios, pois "Clementino apossara-se daquela grande extensão de terras, que era patrimônio dos índios, ou pelo menos, considerado como tal, havendo também quem diga que ele lhas comprara por irrisória quantia. Um negócio da China (jornal O Erechim de 2 de julho de 1930)".

[10] Grin (1995, p. 155) cita várias organizações que funcionaram como agências de ajuda a imigrantes judeus: "ORT (criada na Rússia em 1880); JCA (*Jewish Colonization Association*, fundada em 1891); *Hebrew Immigrant Aid Society* (HIAS), fundada em 1909 em Nova York; OSE (fundada em Paris em 1912); *American Distribution Commitee* (fundada em 1914); Hicem (um amálgama de HIAS, JCA e *Emigdirekt*, estabelecido em 1927 para ajudar refugiados do Leste Europeu e da Alemanha Nazista); e *Central British Fund* (fundada em 1933 na Inglaterra, para assistir refugiados do nazismo)".

[11] Segundo Gritti (1997, p. 34): "No caso específico do Rio Grande do Sul, o povoamento de regiões pouco povoadas e a consequente valorização das mesmas através da criação de toda uma infraestrutura necessária à fixação dos imigrantes dizia respeito ao programa do Partido Republicano Riograndense (PRR) que governou o Estado, ininterruptamente, de 1891 a 1930".

uma análise dos administradores da JCA, seriam necessárias pessoas com maiores habilidades no trato com a terra e, sendo assim, a experiência efetivada nas colônias argentinas, propiciaria um desenvolvimento mais adequado no tocante ao trabalho agrícola.

A Colônia de Quatro Irmãos, que chegou a contar com 350 famílias durante o período da Primeira Guerra Mundial, tendo inclusive escola, sinagoga e até mesmo um hospital, da mesma maneira que a colônia de *Philippson*, não conseguiu ter um desenvolvimento satisfatório.

Os problemas eram inúmeros e de naturezas diferentes, como a escolha inadequada da terra; pouca atenção dispensada aos colonos que chegavam; reduzida experiência dos colonos com a produção agrícola; infraestrutura inadequada nas colônias, dentre outras.

Em 1926/1927 foram criados dois novos núcleos agrícolas, dentro dos domínios da Fazenda de Quatro Irmãos: Barão Hirsh e Baronesa Clara, este nome em homenagem à esposa do fundador da ICA. Alguns outros imigrantes foram instalados em Rio Padre e Rio Pampa, quando terminaram as atividades colonizadoras da Companhia no Estado do RS[12].

Com o fracasso das experiências agrícolas do RS, os judeus começaram a abandonar a zona rural e procurar regiões urbanas, na intenção de desenvolverem atividades profissionais mais conhecidas por eles, como pequenos negócios e comércio.

Dentro deste contexto, já a partir da década de 1920, Porto Alegre será a cidade mais procurada no Rio Grande do Sul, na qual se organizam sinagogas, escolas, sociedades culturais, grupos de jovens, teatro iídiche, bibliotecas, sociedades de amparo aos recém-chegados, um clube e o primeiro jornal israelita do Brasil, *Di Mentshait* (A Humanidade, em iídiche). O Bairro Bom Fim é o lugar de forte concentração da grande maioria de judeus que se dirige à capital, assim como outros bairros recebem outros grupos. Ali se encontram pequenas fábricas e lojas, de onde saem os vendedores ambulantes, os *clienteltchiks.*

Outras cidades como Erechim, Pelotas, Rio Grande, Santa Maria e Passo Fundo[13], respectivamente, representam também uma alternativa aos colonos que abandonavam a zona rural, procurando novas possibilidades para suas vidas. Erechim, Santa Maria e Passo Fundo, serão regiões procuradas em função da proximidade às colônias agrícolas, e Pelotas e Rio

[12] A partir de 1931, a JCA decidiu não mais fundar núcleos agrícolas no país, já que se haviam mostrado deficitários, mas sim, trabalhar na perspectiva de auxiliar os judeus a entrarem no país. Esta postura será alterada em 1936, quando há a fundação de uma Colônia agrícola em Resende, Rio de Janeiro, que tinha como meta instalar judeus alemães perseguidos pelo nazismo. Apesar da Companhia investir muitos recursos financeiros no projeto, não consegue fazer com que os imigrantes pretendidos obtivessem visto de entrada.

[13] Para saber mais ver GUTFREIND (2010), COSTA (1992), SILVA (2002), GRITTI (2008), GILL (2007), DUCATTI NETTO (1981).

Grande pela importância econômica, política e cultural que possuíam neste momento, no cenário estadual.

Dois grupos culturalmente heterogêneos fizeram-se representar dentro do Rio Grande do Sul: em sua amplíssima maioria, os imigrantes judeus eram *ashkenazim*, provenientes da Europa Central e Oriental. Os *ashkenazim* vinham de países diferentes, com culturas distintas: Rússia, Polônia, Romênia, entre outros. Os *sefaradim* eram oriundos da Península Ibérica e, em função da expulsão da Espanha em 1942, quando se dispersaram, vinham, sobretudo, da Turquia e do Egito, regiões que os tinham abrigado.

Com relação à ascensão social, os dois grupos começam suas atividades como mascates, maneira pela qual podiam acumular alguns recursos financeiros. Os *ashkenazim* possuíam lojas, fabricavam móveis e ocupavam-se com a confecção de roupas. Os *sefaradim* trabalhavam, principalmente, com o comércio de tecidos, tarefa que dividiam com os sírio-libaneses (SCLIAR, 1990). Estas atividades, no entanto, não são exclusivas e compartimentadas.

Já a segunda geração não tinha como objetivo geral o comércio, mas sim, profissões em que pudessem trabalhar de forma autônoma. "A segunda geração, aqui nascida e educada, preparada pela família e estimulada em suas aspirações no sentido de ascensão social, caminhou rapidamente através do ensino superior e do exercício de profissões liberais, no sentido de integração na sociedade adotiva" (Rattner, 1977, p. 53).

Este texto tem o objetivo de narrar as memórias de médicos desta segunda geração, que atuaram no Rio Grande do Sul, em diversas cidades do interior do Estado. Antes, no entanto, de se falar sobre dez entrevistas encontradas junto ao acervo de História Oral do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall e de uma narrativa presentes no Laboratório de História Oral da UFPel, é preciso dizer que dois grupos de médicos judeus se fizeram representar no Estado.

O primeiro foi composto por imigrantes, que encontraram no RS um campo profissional propício para suas atuações. O Partido Republicano Riograndense que esteve no poder por longos anos defendia a liberdade profissional e a liberdade religiosa, através da eliminação do culto oficial e de uma independência completa entre o poder espiritual e temporal. Articulado aos preceitos de liberdade religiosa e profissional, e dentro de um quadro de defesa de todas as liberdades, estava inscrita ainda a liberdade individual.

Para atuar no Estado era necessário apenas um registro na Delegacia de Higiene, que permitia que médicos estrangeiros, os chamados licenciados[14], praticassem a Medicina. Muitos deles fixavam residência em zonas rurais, nas quais não havia um trabalho especializado; outros, no entanto, disputavam clientela nas cidades, através de anúncios nos quais enfatizavam novas técnicas trazidas, principalmente, da Europa.

Segundo Preger (2011, p. 19): "[...] a imigração destes médicos ocasionou, além da introdução de novas tecnologias, valores relativos ao trabalho e modelos citadinos. Conforme as informações contidas no material reunido, os *doktors* tiveram sucesso e reconhecimento entre seus pares pela formação conceituada e pela tecnologia que aportaram".

O autor escreve, principalmente, sobre médicos alemães, austríacos e húngaros, que tendo em vista as restrições políticas a cada dia mais presentes no contexto da Europa, decidiram vir para países, nos quais não seriam perseguidos e poderiam exercer mais livremente seus ofícios.

De todo o modo, é preciso que se diga que nem todos os judeus que tentaram entrar no Brasil conseguiram. Especialmente a partir dos anos de 1937 e 1938 surgiram normas que criaram obstáculos para a entrada de algumas etnias. Tanto assim que, em 1938, segundo Lesser (1994, p.319), houve uma queda de 75% de imigrantes judeus no Brasil, embora tal fato tenha sido temporário.

O segundo grupo foi aquele composto por médicos de uma segunda geração, que aqui nasceram, se formaram no Brasil e no RS praticaram a Medicina. Estas serão as trajetórias observadas neste capítulo de livro e, para isso, foi feita a leitura de várias entrevistas existentes no ICJMC, no intuito de se encontrar tais narrativas. No acervo foi verificada a existência de dez entrevistas e a elas será juntada uma outra, realizada pelo Laboratório de História Oral, com o fundador da Faculdade de Medicina, chamada de Leiga e que hoje está vinculada à UFPel, Naum Keiserman.

Os médicos no acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall

[14] Não eram apenas os licenciados aqueles que podiam exercer a Medicina no RS, mas também aqueles sem formação específica que declaravam, através de anúncios, ter o poder ou de curar a moléstia ou de atenuar os seus efeitos.

David Eizerik nasceu em Porto Alegre, em 12 de junho de 1923, sendo *ashkenazim*. Seu pai tinha procedência na Ucrânia e a mãe na Moldávia[15]. No Brasil, os pais se dedicaram, no início, a vender pequenos produtos à prestação, constituindo posteriormente uma fábrica de peneiras e de calçados. Os pais, com formação primária, dedicaram-se a oferecer um estudo de qualidade aos filhos. Com a crise de 1929, a família perdeu todos os bens e o pai adoeceu, e então David e seu irmão Moisés, começaram a vender cortes de tecido de porta em porta. David formou-se médico na URGS, hoje Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)[16], em 1951, e exerceu a profissão como clínico geral. David também compartilhou com a entrevistadora aspectos sobre a relação de sua família com a comunidade judaica, sendo que ele participou de movimentos juvenis e do fundo comunitário, além de exercer a função de presidente na Organização Sionista.

A entrevista de David, assim como de outras nove pessoas[17] relacionaram as trajetórias individuais com a Medicina, sendo as narrativas de: **Henry Wolff**, nascido em Rio Grande, no dia 11 de janeiro de 1926 e falecido em 2014. Formado em 1949, sua mãe nasceu em *Philippson* e seu pai era procedente da Moldávia; **Israel Schermann**, nascido em *Philippson*, no dia 17 de fevereiro de 1920 e falecido em 2010, formado em 1944, cujos pais eram naturais da Romênia; **Jacob Salomão Seligman,** formado em 1949, nascido em Santa Maria em 10 de janeiro de 1923, sabe-se que o pai era proveniente da Ucrânia, chegando criança em *Philippson*; **Júlio Glock**, nascido em Passo Fundo, no dia 14 de março de 1932 e falecido em 2009, cuja mãe era lituana e o pai russo, formou-se em 1956. **Moysés Sabani** nasceu no dia 6 de maio de 1925 em Porto Alegre e concluiu o curso em 1950, seus pais eram

[15] Sabe-se que o mapa geopolítico europeu sofreu diversas reconfigurações durante o século XX. Na redação deste texto manteremos as referências dadas pelos narradores.

[16] A UFRGS, dos anos de 1934 a 1947, era denominada Faculdade de Porto Alegre, posteriormente passou a se chamar Universidade do Rio Grande do Sul (URGS), nome que perdurou até 1950, ano da federalização.

[17] Foram encontradas outras narrativas de médicos no acervo do ICJMC, cujos entrevistados não nasceram no Brasil, mas exerceram suas atividades e realizaram o ensino superior no RS. Trata-se de Felícia Leichter Matte, nascida em Munique, Alemanha, em 1946. Chegou ao Brasil em 1954 e se formou na UCPel nos anos de 1960, sendo sua atuação em Pelotas, na área da anestesia. Felícia vem de uma família de médicos. Segundo ela, a família perdeu tudo com a guerra. Os nove irmãos do pai eram médicos e morreram durante a guerra. Isak Bejzman, nasceu na Polônia, em 7 de dezembro de 1930 e com 4 anos chegou ao Brasil, com sua mãe, para encontrar o pai que já se estava no RS. Formou-se na URGS em 1955, atuando como psiquiatra em Porto Alegre. Maurício Kotlar, nasceu na Ucrânia, em 1912 e já no ano seguinte estava no Brasil. Em sua família predominavam os marceneiros e alfaiates. Formou-se em 1940 na URGS, e foi médico do Sindicato dos Alfaiates de Porto Alegre. Por fim, Valério Malinski, que nasceu em 1º de março de 1911, na Rússia, mas ainda no mesmo ano se mudou para a Argentina. Malinski comenta que a mãe era parteira diplomada na Rússia e talvez por isso tenha se decidido pela Medicina, formou-se em 1934 na URGS.

turcos e donos de uma fábrica de calçados de luxo; **Rubens Maciel**[18], nascido em Santana do Livramento, em 4 de agosto de 1913 e falecido no ano de 2004, formado em Medicina em 1937, sabe-se que o pai era advogado. A família de **Salomão Cutin** veio da Bessarábia. Médico formado em 1949, nasceu em Porto Alegre no ano de 1919 e faleceu em 2013; **Samuel Spritzer**, nascido em 3 de agosto de 1922, em Porto Alegre e formado em 1949; e **José Citrin**, nascido em Porto Alegre em 7 de outubro de 1935, formado em 1959.

Todos os narradores são homens, na sua maioria nascidos nas primeiras duas décadas do século XX, sendo que seis nasceram no interior. Destes, muitos se mudaram para a capital com o objetivo de fazer o pré-médico e depois realizar o vestibular para a Faculdade de Medicina. Todos se formaram na Faculdade de Medicina da, hoje, UFRGS. A maioria recebeu o diploma e começou a exercer a profissão nos anos de 1940 e 1950, inclusive quatro depoentes formaram-se em 1949.

A tradição da Medicina é comum entre as famílias de judeus. Trata-se de uma profissão através da qual se pode atuar em vários lugares, além de estar vinculada a uma prática de um forte estudo, que se tornava fundamental para aqueles que não sabiam quando deveriam partir. Apenas o conhecimento traria a garantia de se ter como recomeçar em qualquer lugar e a qualquer tempo. Júlio Glock, médico especializado em Pediatria e em Medicina do Trabalho, recorda que a mãe falava aos filhos que lhes daria algo que ninguém poderia roubar: a educação e a cultura. E assim "teriam alguma coisa que lhes daria a tranquilidade de viver com dignidade em qualquer parte do mundo".

Sobre a trajetória até a Faculdade de Medicina, Israel Schermann, médico otorrinolaringologista e professor da mesma especialidade na UFRGS, conta que após fazer o pré-médico em Santa Maria, única cidade do interior que oferecia o curso, foi para Porto Alegre prestar o vestibular:

> E o vestibular, já naquela época, era muito difícil, era muito concorrido. Foram dois ou três meses, que a gente passou aqui, desde novembro, dezembro – quando a gente veio para cá - para inscrição até fevereiro, quando se fez o exame, o exame, naquela época era escrito e oral. E oral demorava muito, se levou quase o mês de fevereiro todo fazendo exames. Eu nunca tinha estado em Porto Alegre.

[18] Rubens Maciel dá o nome a um prêmio de História da Medicina no RS. Foi cardiologista, professor catedrático da UFRGS, Presidente da Sociedade de Cardiologista Brasileira e consultor de diversas organizações vinculadas à saúde. Entretanto, durante a entrevista foram priorizados outros aspectos da vida do médico, já que citou apenas brevemente sua trajetória profissional: Ver mais: GOTTSCHALL (2011).

Muitos desses médicos vinham do interior do Estado, onde havia uma comunidade judaica numerosa. A partir da década de 1940, se percebe um maior deslocamento para Porto Alegre, cidade que contava com um Colégio Israelita institucionalizado[19], uma sinagoga e, com isso, uma maior possibilidade de relações[20] entre o próprio grupo.

Os pais desta segunda geração, que se dedicou à Medicina, eram, em sua maioria, mascates, conforme já abordado, e possuíam, na maior parte das vezes, apenas o ensino primário. Quando chegavam buscavam o auxílio dos que aqui estavam. Iniciavam, no Brasil, vendendo tecidos e pequenos objetos. Como bem observa Jacó Seligman**:**

> Mas esses, esses judeus que saíram de *Philippson*, vieram pra Santa Maria, tiveram suas casas comerciais, começaram a entrar no comércio. Já os filhos, que é a minha geração, esses já então fizeram cursos, não é? Acho que nessa época, quando me formei, não havia faculdade aqui, todos tinham condição de mandar os filhos, uns com mais trabalho, outros com dificuldade, outros com mais ou menos dificuldade, os filhos estudarem fora de Santa Maria pra tirarem uma profissão.

Os *clienteltchiks,* termo que vem de clientela, realizavam o comércio ambulante e/ou venda a prestações, geralmente em bairros periféricos das cidades. Toda transação era feita a partir da confiança. Um dos narradores, José Citrin, que seria cirurgião plástico dos hospitais Moinhos de Vento e Santa Casa de Misericórdia, doou a documentação da Sociedade de Ambulantes de Porto Alegre. Durante a faculdade trabalhou nessa Sociedade, que era basicamente composta por judeus. Seu pai também era mascate.

Alguns destes médicos precisaram também se dedicar ao comércio, com a finalidade de custear seus estudos, como Júlio Glock, que vendia cabides desde muito jovem ao lado do seu irmão, inclusive no momento em que estava se preparando para fazer o vestibular. Em sua narrativa, revela: "Podes imaginar o que é trabalhar com cabides e fazer vestibular, com a certeza dos nossos parentes, tios, amigos, de que não seríamos aprovados?". Júlio se referia também ao seu irmão mais velho, José Glock, que se formou na UFRGS, no mesmo ano que ele, 1956.

[19] Pelotas contava com um Colégio Israelita, o qual oferecia cursos de íidiche, teatro e outras atividades culturais. De todo o modo não oferecia a educação formal.

[20] Henry Wolff, em sua narrativa, diz que antigamente havia muitos judeus em Rio Grande, cidade na qual havia nascido, mas que, com o passar do tempo, muitos se mudaram para Porto Alegre por causa, especialmente, das oportunidades de casamente entre judeus.

Ele conta uma história interessante: continuava vendendo cabides enquanto cursava Medicina e, um dia, teve sua mercadoria apreendida, por não pagar imposto de vendedor ambulante, o que, segundo ele, não sabia que existia.

Os fiscais ficaram surpresos pelo fato dele ser estudante de Medicina e prometeram devolver a mercadoria, mediante a comprovação de que era mesmo acadêmico, mas tiveram que voltar atrás, por questões burocráticas, contornadas a partir da intervenção do prefeito Ildo Meneghetti, que pediu que devolvessem os cabides ao jovem. Júlio, avaliando sua trajetória de vida, que: "Trinta anos depois de todo esse drama para conseguir recuperar os meus cabides na Prefeitura, eu subia novamente as escadarias da Prefeitura, não mais para brigar por mim, mas para receber o título de cidadão emérito de Porto Alegre".

A maioria dos médicos era *ashkenazim*, apenas dois eram *sefaradim*, um deles é o médico oftalmologista Moysés Sabani, e sobre essa relação afirma que não havia dificuldades:

> Existiam relações de amizade, relações de comércio inclusive. E, depois de algumas décadas, na nova geração, eu me considero a segunda geração de imigrantes *sefaradim* aqui em Porto Alegre, houve uma integração maior através de laços matrimoniais. Eu me lembro que no começo das atividades do Centro Hebraico Riograndense, que congregava a coletividade *sefaradim*, não havia ainda uma sede construída. Então, as reuniões da diretoria, os ofícios religiosos eram realizados em casas dos diversos membros da coletividade, inclusive na de meu pai. E as festividades maiores, *Rosh Hashaná*, *Iom Kipur*, eram realizadas numa sala alugada pela União, pela União Israelita Porto Alegrense. E conjuntamente com os ofícios religiosos, que os *ashkenazim* realizavam na União, em sua sala principal, havia a realização de ofícios com o ritual *sefaradim* numa sala pequena, que eles cediam para a coletividade *sefaradim.*

Não foram muitas as lembranças de preconceitos, mas um médico pioneiro da endocrinologia no RS e professor da UFRGS e UFCSPA[21] Henry Wolff, por exemplo, narra episódios relacionados à sua infância, assim dizendo: "Eu quando pequeno, tive cenas de perseguição, me chamaram de judeu. No começo me chamaram de russo, russinho, não se sabia de judeu. Tanto que eu nem sabia que era judeu, vim saber já com uma certa idade, eu disse: "Vem cá, eu sou judeu?". "Sim, tu és judeu".

Wolff passa a se reconhecer como judeu, a partir, sobretudo, do reconhecimento dos outros, permitindo que se pense a identidade como relacional. Segundo Woodward (2009, p.

[21] Criada a 8 de dezembro de 1953, com a denominação de Faculdade Católica de Medicina de Porto Alegre e autorizada a funcionar em 1961. Na década de 1980 foi federalizada, e, em 2008, é instituída a Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre – UFCSPA.

14) a identidade, dentre outras questões: "[...] é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades".

Também no espaço do trabalho, Wolff se refere a uma dificuldade em entrar em uma enfermaria que não era vinculada à Faculdade, de cirurgia. Segundo ele: "E era uma das melhores enfermarias de cirurgia, melhor cirurgia, onde melhor se aprendia. E onde judeu não podia entrar". Entretanto havia a possibilidade de "romper tradições", o colega de Wolff, o médico e professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)[22] Jacob Salomão Seligman, contou: "Então eu quebrei uma tradição neste hospital [...]. Imagina ser o diretor clínico um judeu! Quando todos sabiam que o hospital era religioso. O provedor um padre, e o diretor clínico um judeu".

Os relatos de preconceito estão relacionados, na sua maioria, à infância e à adolescência. Para grande parte dos entrevistados essa fase coincidiu com o Integralismo. Moysés Sabani lembra que "um dos professores do Anchieta costumava trajar-se com a camisa verde do partido, mas apesar disso, mantinha muito boas relações comigo e com mais alguns poucos alunos israelitas". David Eizerik também aborda episódios de preconceitos, ao dizer que pelos seus 12 anos, quando estudava em uma escola Católica, os padres costumavam falar mal dos judeus: "numa dessas vezes, eu era o único judeu da turma, quando terminou esta pregação do padre, todos quiseram vingar a morte de Cristo em mim".

Em Pelotas, tendo em vista trabalho realizado anteriormente sobre os judeus na cidade, o qual já foi citado, foi declarado[23] pelos narradores, que optaram por escolas públicas, porque não tinham recursos financeiros e também, principalmente, porque nestas não havia o aprendizado da religião católica, sendo assim percebiam uma maior liberdade de manifestação e expressão.

Os médicos judeus foram importantes para a história da Medicina no RS e também no Brasil. Até o momento foram citados alguns médicos, mencionando suas diferentes especialidades, mas muitos se dedicaram à pesquisa em várias faculdades de Medicina do Estado. Podem ainda ser citados: o médico Salomão Cutin, que apenas um ano depois de formado foi convidado para ser assistente na cadeira de Urologia da URGS, onde trabalhou

[22] O curso de Medicina em Santa Maria (RS) foi criado em 1954 e incorporado à UFSM no ano de criação da universidade, em 1960.

[23] Simon Halpern, assim diz sobre o assunto: "A grande maioria de judeus ia para o Pelotense, porque o Gonzaga exigia – entre os pontos que ganhávamos – a presença na missa. Coisas de religião que não poderíamos aceitar, então eles impunham uma condição religiosa e nós não íamos para o Gonzaga, se bem que tinha uns dois jovens que estudavam lá, eram judeus e estudavam, curiosamente eles não se integravam com a Sociedade Israelita".

até 1986, aposentando-se como professor adjunto**.** Em 1950, pertencia à Sociedade de Cirurgia e ele, junto com outros colegas dessa Sociedade, fundaram a Associação Médica do Rio Grande do Sul, em 1951. O já citado Júlio Glock começou "a trabalhar como médico num chalé humilde lá na Cavalhada", atendendo gratuitamente o Instituto Santa Luzia por muitos anos. Atendia ainda o Instituto Padre João Calábria, no hospital Divina Providência e teve influência na instalação do primeiro ambulatório médico na Cidade de Deus e na Restinga.

No que diz respeito ainda ao ofício de médico, a maioria seguiu a carreira acadêmica, além de atuar na clínica médica, mas relatam existir bons espaços de atuação, como o faz Israel Schermann:

> Quando me formei, eu poderia perfeitamente bem permanecer em Porto Alegre, porque eu já tinha um emprego do Estado. Então, de estudante, para passar para médico, naquela época, era só apresentar o diploma que, como a quantidade de profissionais era pequena, sempre tinha emprego. E tinha dois, três ou quatro empregos, para quem quisesse.

Israel, no entanto, preferiu iniciar sua trajetória no interior, como era comum a um recém formado. Nestas cidades costumavam realizar vários procedimentos, colocando em prática ensinamentos obtidos ainda na Faculdade. Com o passar dos anos, a maioria deles migrou para a capital, até mesmo como forma de inserção em uma comunidade maior e mais organizada.

A trajetória na Medicina, para a maioria dos médicos, continuou com seus filhos ou parentes próximos. Segundo o que revelaram, foram poucos aqueles da terceira geração que se dedicaram ao comércio, como seus pais.

Alguns médicos se relacionaram à discussão sobre o sionismo[24], como David Eizerik e Samuel Spritzer, médico neurocirurgião que exerceu suas atividades principalmente em uma pequena cidade de Santa Catarina. Este último, acompanhado de outros jovens judeus de Porto Alegre, foi em 1946 para a Argentina e para o Uruguai, com o objetivo de realizar estudos sobre o sionismo, quando voltaram para a capital fundaram um movimento juvenil *Dror*. Depois da fundação, o curso de Medicina começou a exigir muita dedicação, o que fez

[24] O movimento sionista (de Sion, colina da antiga Jerusalém) iniciou ainda no século XIX e continuou a atuar até a 2º Guerra Mundial, sendo o austríaco Theodore Herzl considerado o seu fundador. Durante todo este período possuiu diversas frentes de trabalho, mas o grande incentivo deu-se através da imigração de colonos em fazendas coletivas, os *kibutz*. Para Arendt (1990, p. 143) o sionismo surge como uma resposta política que os judeus encontraram para o antissemitismo, absolutamente flagrante após o processo efetivado contra Alfred Dreyfus, um oficial judeu do Estado Maior francês que, em 1894, foi acusado e condenado por espionagem em favor da Alemanha.

Samuel se afastar. Outros, no entanto, se reconheciam como judeus, sobretudo a partir da cultura, como declarado por Henry Wolff:

> [...] O ser judeu não é ser religiosamente judeu, eu acho que a religião é a parte mínima desse judaísmo. O ser judeu é algo psicossocial característico, porque quando um judeu fala a gente conhece que é um judeu que fala pelo gesto, pela maneira de dizer as coisas a gente vê que é um judeu. Então, clientes meus pelos gestos eu vejo meus avós, meus tios, vejo aqueles que a gente conhecia lá em Rio Grande. Então, essas coisas que são a alma, a psique do judeu, isso é que é o Judaísmo. Porque a maior parte dos judeus não conhecem, nem praticam a religião.

Para a maioria dos narradores entrevistados em Pelotas, da mesma forma que para Wolff, a cultura foi o ponto de união entre pessoas que, muitas vezes, protagonizaram caminhos bem diferentes, mas que se sentiam próximas através de uma memória coletiva.

Um fundador da Faculdade de Medicina no acervo do Laboratório de História Oral da UFPel

Naum Keiserman nasceu em 1917, em Porto Alegre, sendo considerado como o fundador da Faculdade de Medicina, atualmente vinculada à UFPel. Naum se formou em 1939 e exerceu as primeiras atividades em Porto Alegre, conforme revela:

> Formei-me em 1939. Em 1941 fui contratado pelo então Departamento Estadual de Saúde e designado para o setor de Tisiologia, no Centro de Saúde de Rio Grande. Recém casado, minha esposa era "visitadora sanitária", e exercia sua atividade em Porto Alegre. Não havendo vaga em Rio Grande, foi ela transferida para Pelotas. Nos fins de semana eu ia à Pelotas. Esta situação durou pouco tempo. Ocorre que o tisiologista que atuava em Pelotas, Dr. Assunção Osório, transferiu residência para o Rio de Janeiro, proporcionando minha transferência para Pelotas. Exerci minha atividade nessa cidade até 1966 quando fui aposentado. Houve um intervalo de 1943 a 1945, quando fui convocado no período da 2º Guerra Mundial.

No que diz respeito à formação acadêmica, assim é dito:

> Para trabalhar em tisiologia eu me preparei com alguns cursos: fiz um curso oferecido pelo próprio Departamento Estadual de Saúde, fiz um estágio no Hospital Sanatório Belém, na época destinado a pacientes com tuberculose. Lá trabalhavam os professores Cezar Ávila e Eliseu Paglioli, entre outros. Em Montevidéu fiz curso de broncoscopia com o Dr. Chevalier Jackson, americano que lá se encontrava para este fim. Em Córdoba, Argentina, fiz curso de Cirurgia Torácica. No Rio de Janeiro, acompanhei cirurgia de tórax com Jesse Teixeira.

Nos anos de 1950 esteve envolvido na discussão sobre a fundação de uma Faculdade de Medicina Leiga em Pelotas. De outro lado, Dom Antônio Zattera, bispo local, pretendia que ocorresse a criação de uma Faculdade Católica na cidade. As duas propostas foram efetivadas na década de 1960[25] e a Faculdade Leiga passou pelo processo de federalização alguns anos mais tarde, como pretendia Naum, ao reivindicar importantes recursos financeiros para a efetivação de um curso de qualidade.

Naum era casado com uma visitadora sanitária, conforme mencionou em sua narrativa. Clara, nascida em 24 de novembro de 1916 em Cruz Alta, fez parte de um grupo de pessoas preparadas, a partir da década de 1920 no Brasil, para visitar os pacientes mais necessitados, repassando-lhes, principalmente, conselhos higiênicos. Nos cursos para visitadoras eram abordados temas como anatomia e fisiologia, microbiologia, higiene individual, princípios de Medicina, cirurgia, obstetrícia, pediatria, matéria médica dietética e ética profissional, como relatou Clara.

Considerações Finais

A trajetória de vida dos médicos apresentados no texto é bastante próxima. Foram filhos de imigrantes, ou seus pais chegaram ainda muito novos no Brasil, em sua maioria. Os pais primeiro se dedicaram às atividades agrícolas, sendo depois comerciantes de tecidos e de pequenos objetos, em cidades do interior ou ainda na capital do Estado. Muitos se deslocaram das colônias para os centros urbanos buscando novas oportunidades econômicas.

Os filhos dessa primeira geração foram influenciados pelos pais a se dedicarem fortemente ao estudo, através do qual obtiveram ascensão social. Desse modo, foram advogados, engenheiros, magistrados e médicos, como aqueles cujas trajetórias apresentamos no texto. Todas as narrativas aqui expostas são de homens, contudo muitas mulheres judias frequentaram o ensino superior, em cursos os mais diversos.

[25] A Faculdade de Medicina (Leiga) passou a funcionar no ano de 1963, ainda que tenha sido fundada oficialmente em 1959, em ato ocorrido na Biblioteca Pública Pelotense. Em 1969 foi agregada à UFPel, quando esta foi fundada e passou a fazer parte da estrutura administrativa em 1977. Antes disso era mantida pelo Instituto Pró-Ensino Superior do Sul do Estado (IPESSE). O prédio onde ainda hoje funciona, antigo Instituto de Higiene, foi doado pelo governo municipal, no ano de 1955 (LONER, 2012).

A formação dessas pessoas em Medicina[26] esteve relacionada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por ser um dos poucos espaços de formação existentes no Estado, no período em que realizaram suas graduações.

Nos corredores da faculdade foram escassos os relatos de preconceito, diferente do período escolar. No espaço do ensino superior e de socialização da comunidade judia, embora alguns tivessem procedências diferentes, se relacionavam bem, pois constituíam um pequeno grupo, que necessitava se fortalecer em um contexto de intolerância. As falas presentes nas entrevistas dão vestígios que esses médicos se vinculavam sem maiores conflitos com a sociedade em geral.

Pelas suas narrativas é possível perceber o que Candau (2011, p. 44) evidencia como memória forte, ou seja, "uma memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros de um grupo, qualquer que seja seu tamanho [...]". Assim, embora a religião atravesse suas falas, como era de se esperar, o que os vincula é a cultura. A cultura, entendida como tradição, foi o ponto de união entre pessoas que tiveram origens, idiomas e, muitas vezes, vivências bastante diferenciadas, constituindo uma realidade multifacetada.

Suas trajetórias, como médicos, foram exitosas, já que se envolveram em especialidades importantes, como a Tisiologia, por exemplo, em um momento em que grande parte da população morria por tuberculose pulmonar ou ainda foram pioneiros em especialidades clínicas no RS. De outra parte, com o seu trabalho, formaram novas gerações de médicos, pois estiveram ligados a vários outros cursos de Medicina, na capital e no interior do Estado.

As narrativas revelam laços profundos de uma história grupal, que fez com que mantivessem suas identidades culturais, vistas por eles como marcas de diferenciação étnicas, ao mesmo tempo em que demonstram um forte sentimento de solidariedade construído através da convivência com pessoas residentes no território que os acolheu e que foi escolhido por eles para viver e trabalhar.

Fontes Orais:

Acervo do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall – Porto Alegre

[26] Embora a UFRGS tenha sido fundada no ano de 1934, o Curso de Medicina data ainda do século XIX.

- Entrevista com David Eizerik, realizada em 1987, por Sílvia Faierman.
- Entrevista com Felícia Leichter Matte, realizada em 1987, por Jairo Halpern.
- Entrevista com Henry Wolff, realizada em 1987, por Denise Simanke.
- Entrevista realizada com Isak Bejzman, em 1989, por Bella Faierman Igor.
- Entrevista realizada com Israel Schermann, em 1989, por Denise Simanke.
- Entrevista realizada com Jacob Salomão Seligman, em 1992, por Marta Borin.
- Entrevista realizada com José Citrin, em 1993, por Andréa Cogay.
- Entrevista realizada com Júlio Glock, em 1987, por Ellen Plummer.
- Entrevista realizada com Maurício Kotlhar, em 1988, por Sílvia Faermann.
- Entrevista realizada com Moysés Sabani, em 1990, por Denise Simanke.
- Entrevista realizada com Rubens Maciel, em 1990, por Bella Faierman Igor.
- Entrevista realizada com Salomão Cutin, em 1987, por Denise Simanke.
- Entrevista realizada com Samuel Spritzer, em 1991, por Cláudia Lavb.
- Entrevista realizada Valério Malinski, em 1987, por Sílvia Faierman.

Acervo do Laboratório de História Oral da UFPel

- Entrevista realizada com Simon Halpern, em 1995 por Lorena Almeida Gill.
- Entrevista realizada com Simon Halpern, em 2015, por Lorena Almeida Gill.
- Entrevista realizada com Naum Keiserman, em 2007, por Ângela Pomatti.
- Entrevista realizada com Clara Keiserman, em 2007, por Ângela Pomatti.

Fontes escritas:

- Jornal *A Opinião Pública*, de 25 de setembro de 1899.
- Jornal *A Opinião Pública*, de 2 de janeiro de 1907.

Referências Bibliográficas:

ALBERTI, V. *Ouvir Contar*. Textos em História Oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2004.

ARENDT, H. *Origens do Totalitarismo.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDAU, J. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, G. *A imigração judaica no Município de Santa Maria*: Colônia de Philippson. Santa Maria: UFSM, 1992.

DUCATTI NETTO, A. *O grande Erechim e sua história*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

FREITAS, Sônia Maria de. *História Oral*: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

GILL, L. *"Clienteltchiks"*. Os Judeus da Prestação em Pelotas (RS) 1920-1945. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universitária, 2001.

GILL, L.. *O mal do século*: Tuberculose, Tuberculosos e Políticas de Saúde em Pelotas (RS), 1890-1930, Pelotas: EDUCAT, 2007.

GOTTSCHALL, C. *Rubens Maciel*, o Triunfo da Inteligência – Registros e Reminiscências. São Paulo: Atheneu, 2011.

GRIN, M. Etnicidade e cultura política no Brasil. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28, ano 10, junho de 1995.

GRITTI, I. *Imigração judaica no Rio Grande do Sul*: A *Jewish Colonization* e a colonização de Quatro Irmãos. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997.

GRITTI, I. A Colonização Judaica e Polonesa na Região Norte do Rio Grande do Sul. In: João Carlos Tedesco. (Org.). *Colonos, Colônias & Colonizadores* – Aspectos da territorialização agrária no Sul do Brasil. Porto Alegre/RS: Est. Edições, 2008, p. 47-68.

GUTFREIND, I. *Comunidades Judaicas no interior do Rio Grande do Sul*: Santa Maria. Santa Maria, RS: Editora da UFSM, 2010.

LESSER, J. *O Brasil e a questão judaica.* São Paulo: Imago, 1994.

LONER, B.. Faculdade de Medicina. In: LONER, B.; GILL, L e MAGALHÃES, M. (Orgs.). *Dicionário de História de Pelotas.* Pelotas: Editora da UFPel, 2012, p. 137-138.

PORTELLI, A. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: *Projeto História*, nº 15. São Paulo, PUC, p. 13–33, 1997.

PREGER, C. *"Doktors":* Contos de Memória. Porto Alegre: Libretos, 2011.

RATTNER, H. *Tradição e Mudança.* A comunidade judaica em São Paulo. São Paulo: Ática, 1977.

SILVA, N. *A presença judaica em Passo Fundo: século XX*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2002.

WAINBERG, J. (Coord.). *Cem anos de amor:* a imigração judaica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 2004.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 7-72.